

## POÉTICAS DA ECONOMIA NA ARQUITETURA: da modernidade a contemporaneidade

Ricardo Ferreira de Araújo  
Contato: ricfarujo@uol.com.br

Linha de pesquisa: Morfologia, percepção e uso do ambiente construído

---

### 1 INTRODUÇÃO

Arantes (2002) diz que a “poética da economia” fundamentou as propostas estéticas do Grupo Arquitetura Nova, nos anos 1960-1970, tendo em vista a carência de recursos, diante das exigências materiais e das convenções de linguagem do modelo dominante. Nesse caso, a “carência” deixava de ser obstáculo para tornar-se um meio de promover um modo alternativo de construir, cuja expressão resultava numa estética que privilegiava a aparência do fazer construtivo, *das instalações até a matéria resistente e rústica moldada pelo operário*. A imagem dessa arquitetura revelava o processo construtivo através da natureza “crua” da ação operária e dos materiais utilizados, o objetivo era mostrar o esforço humano que a tornava possível, acreditando que materiais de revestimento encobriam as marcas do trabalho e distanciavam o trabalhador das informações necessárias para a realização da

construção. Para Khoury (2003) a “poética da economia” no Grupo Arquitetura Nova economizava esforços e gerava prazer e liberdade de construir fora dos padrões vigentes, permitindo ao mestre de obra e aos operários da construção a expressão artística.

A ideia da poética da economia no Grupo também esteve associada à expressão plástica da abóbada feita de tijolos. Ela permitia a redução dos custos de construção e apresentava grande vantagem, pois unia estrutura, cobertura e vedação simultaneamente, gerando um espaço interno totalmente livre. A abóbada permitiu que o grupo de arquitetos levasse ao limite o princípio da independência entre cobertura e espaços internos da casa paulistana, defendido por Artigas, e incentivou a busca de uma solução econômica para reproduzi-la em larga escala (ARANTES, 2002). O sistema desenvolvido por Rodrigo Lefèvre propunha o uso de vigotas pré-moldadas curvas dispostas verticalmente

formando uma catenária, uma curva plana homogênea e representou para Sérgio Ferro, uma opção econômica e “poética” adequada à construção da casa popular.

## 2 OBJETIVOS

Os anos 1970 têm despertado grande interesse dos estudiosos da Arquitetura Moderna Brasileira. Trazer uma reflexão sobre a “poética da economia”, expressão construída particularmente nos anos 1970, permitirá o debate e melhor entendimento de algumas lacunas deixadas pelas pesquisas realizadas até o momento, sobretudo no que diz respeito a um momento de transição em que as experiências vivenciadas no Brasil situavam-se entre uma arquitetura moderna e outra chamada de arquitetura “pós-moderna”.

Este trabalho tem como objetivos: estudar experiências arquitetônicas muito distintas, realizadas na modernidade e na contemporaneidade; configurar estudos de caso a partir das obras de: Severiano Mario Porto, no Amazonas; Acácio Gil Borsó em Pernambuco; João Filgueiras Lima (Lelé) e Assis Reis na Bahia; Glauco Campelo e Paulo Magalhães no Distrito Federal; Mayumi Souza Lima em São Paulo e experiências ligadas a Eládio Dieste no Rio Grande do Sul; dos jovens arquitetos brasileiros e de outros contextos; ampliar o conceito da

“poética da economia” para além das experiências realizadas pelo Grupo Arquitetura Nova.

## 3 METODO

Por enquanto, a pesquisa tem dado atenção a revisão de referências que embasem o assunto. Para seu desenvolvimento algumas leituras, ainda preliminares, suscitaram outros temas correlatos, como por exemplo: racionalização da construção, standardização, pré-fabricação, mecanização e industrialização da construção. Ao elencar estes assuntos outras referências foram surgindo, ampliando o leque de possibilidades e exigindo investigação sistemática sobre elas, cujo conteúdo relaciona-se a produção arquitetônica moderna e contemporânea.

Para construção da tese, destacam-se os assuntos relacionados a:

ARQUITETURA MODERNA – a diversidade de experiências construtivas e seus inúmeros arquitetos, cujas obras sinalizam na direção do objeto de estudo da tese. Uma leitura sobre o assunto foi sistematizada a partir de Argan (1992), Bruand (1991), Curtis (1998) e Weston (2002). Destaque para Fisher (1990) ao abordar a experiência da pré-fabricação a partir do Manifesto de John Entenza, de 1944.

GRUPO ARQUITETURA NOVA – A denominação “poética da economia” foi originada no Grupo Arquitetura Nova, formado pelos arquitetos Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro entre os anos 1960-1970. Portanto, torna-se imprescindível, iniciar a compreensão do termo pelas experiências daqueles arquitetos paulistas, pois neles surgem os pressupostos que estabelecem a noção de uma “poética da economia”. Arantes (2002) e Khoury (2003) são as principais referências para o entendimento do termo, uma vez que as diferentes experiências realizadas pelo grupo foram tratadas amplamente pelos respectivos autores.

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA – Alguns “coletivos” de arquitetos jovens realizam diferentes experiências em diferentes contextos mundiais. Muitas destas experiências na verdade reverberam experiências realizadas por arquitetos do passado. Uma possível relação entre suas obras e uma “poética da economia” poderá ser tratada no Grupo AL BORDE (Equador) dos arquitetos David Barragan, Pascal Gangotena, María Luisa Borja e Esteban Benavides, os quais levam em consideração a multidisciplinaridade no desenvolvimento de projetos sociais; intervenções em espaços públicos e “integração cívica”; no Grupo MAPA (Uruguai/ Brasil), fusão do escritório MAAM de Montevideu, Uruguai, e o STUDIOPARALELO do Rio Grande do Sul, Brasil, dos arquitetos Luciano Andrade,

Matías Carballal, Rochelle Castro, Andrés Gobba, Mauricio López e Silvio Machado, os quais buscam a experiência contínua através da multidisciplinaridade; e DIÉBÉDO FRANCIS KÉRÉ (Burkina – Faso, África), cuja obra tem forte senso social, particularmente, projetos de escolas, bibliotecas, centros culturais e postos de saúde e apoio à comunidade, edifícios com grande proximidade e respeito à cultura de sua terra ao repetir o uso de práticas artesanais da região, sobretudo com a fabricação do tijolo cru e de elementos pré-fabricados como elementos vazados, estruturas metálicas e telhas de alumínio.

PRÉ-FABRICAÇÃO – Este conteúdo, embora esteja parcialmente contemplado em diferentes autores que trataram da arquitetura moderna nos anos 1970 como, por exemplo em Bastos (2003), Guimaraens (2002), Segawa (1999), Spadoni (2003), Bastos & Zein (2010), merece destaque as discussões trazidas por Bruna (2002), particularmente, o entendimento de como o tema foi debatido no Brasil dos anos 1970.

## 4 DESENVOLVIMENTO

Pensar a “poética da economia” é trazer à tona questões diversas que envolveram diferentes processos construtivos.

Bruna (2002), por exemplo, alerta que é importante não repetir equívocos cometidos nos anos 1970, quando industrialização da construção, mecanização da construção e pré-fabricação representavam a “mesma coisa”. A indústria dispunha dos meios mecânicos para produzir elementos arquitetônicos que poderiam ser utilizados na construção civil. A “pré-fabricação”, por sua vez, consistia no *“processo empregado na construção, que se baseia na redução do tempo de trabalho e racionalização dos modos construtivos, para conseguir-se, pela montagem mecânica de elementos produzidos ou pré-moldados diretamente na fábrica, economia de materiais e de mão de obra”* (Corona & Lemos 2002).

As experiências associadas à pré-fabricação variaram significativamente nas diferentes regiões brasileiras como mostram as experiências relatadas por Bastos (2010). Pode-se dizer que a ideia de uma “poética da economia” permeou grande parte da produção dos arquitetos modernos brasileiros entre os anos 1960-1980, que explorou uma diversidade de soluções e técnicas associadas à pré-fabricação. Bastos & Zein (2010) apresentam um conjunto de experiências associadas à pré-fabricação industrial, demonstrando as possibilidades para a arquitetura moderna brasileira nos anos duros da ditadura militar.

No entanto, as autoras também apresentam algumas experimentações voltadas à racionalização da

construção e à busca de respostas adequadas à realidade do país, em que o concreto armado não figura como o grande protagonista, resultando em possíveis alternativas de solução para o problema da pré-fabricação na construção civil brasileira. Entre elas, Cajueiro Seco, experiência idealizada pelo arquiteto Acácio Gil Borsóí, que propunha elementos pré-fabricados em taipa como solução para a construção, no sistema de mutirão, de habitações de interesse social em Cajueiro Seco (Jaboatão – PE), no início dos anos 1960; Canela de Ema, do arquiteto Paulo Magalhães, para habitações destinadas a migrantes que chegavam aos arredores de Brasília, fazendo uso de elementos pré-moldados leves em concreto fibroso, composto por uma fibra da região do cerrado (canela de ema), areia e cimento armado com bambu; e nas escolas pré-fabricadas em madeira e painéis de veneziana de madeira regulável, do Arquiteto Severiano Mário Porto para o interior do Amazonas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No entanto, o aprofundamento do trabalho tem sinalizado que pensar a poética da economia não deverá implicar em considerar apenas experiências cujo *know-how* implique numa arquitetura “alternativa” ou voltadas unicamente para a pré-fabricação. No cenário

da arquitetura moderna brasileira, nas decisões projetuais dos arquitetos modernos paulistas dos anos 1960, por exemplo, encontramos em sua lógica construtiva algumas ideias que implicam em “redução do esforço” na direção para a realização de uma arquitetura econômica.

KHOURY, Ana Paula. **Grupo Arquitetura Nova. Flávio Império, Rodrigo Lefèvre, Sérgio Ferro.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2003.

## 6 AGRADECIMENTOS

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/ UFRN

## 7 REFERÊNCIAS

ARANTES, Pedro Fiori – **Arquitetura Nova. Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões.** São Paulo: Editora 34 Ltda. 1ª. Edição, 2002.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira: discurso: prática e pensamento:** São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2003. — (Estudos; 190)

BASTOS, Maria Alice Junqueira. VERDE ZEIN, Ruth. **Brasil: Arquitetura após 1950.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRUNA, Paulo J. V. **Arquitetura, industrialização e desenvolvimento.** 2ª. Edição. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 2002.